

## **DIAGNÓSTICOS DA AGROECOLOGIA E A SUA PRÁTICA PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NO ESPÍRITO SANTO – BRASIL**

**Idelvon da Silva Poubel – Laboratório de Geografia Humana – UFES**  
idelvonpoubel@yahoo.com.br

**Robson Francisco Loss – Laboratório de Geografia Humana – UFES**  
robloss@ig.com.br

**Roberto José Hezer Moreira Vervloet – Laboratório de Geografia Humana – UFES**  
roberto\_vervloet@yahoo.com.br

**Paulo César Scarim – Laboratório de Geografia Humana – UFES**  
pauloscarim@click21.com.br

Atualmente, a sociedade tem despertado uma maior consciência para as questões ligadas ao desenvolvimento sustentável. Isso se deve às próprias condições de degradação do ambiente promovidas pelo homem. Nota-se uma preocupação especial relacionada aos alimentos hoje produzidos com altos índices de utilização de defensivos agrícolas, fertilizantes químicos, entre outros, advindos com a “revolução verde” em meados dos anos 50, que vem causando graves problemas de saúde (como câncer, alergias, etc.). Além disso, há grandes prejuízos ao ecossistema como um todo: contaminação dos recursos hídricos, dos solos, pragas mais (super)-resistentes, entre outras conseqüências causadas pelas práticas dessa agricultura conhecida como convencional.

Em decorrência dessas questões, fala-se em agroecologia, que segundo AITIERI (2004), consiste em desenvolvimento de técnicas para a produção sustentável em um agroecossistema mantendo o equilíbrio entre plantas, solos, nutrientes, luz solar, umidade e outros organismos existentes, implicando na sua preservação e ampliação da biodiversidade, um tipo de produção que tem como característica o desenvolvimento sustentável. Ligado a agroecologia, tem-se um incentivo à agricultura familiar, fixando a mão-de-obra no campo, gerando empregos, diminuindo o deslocamento do homem do campo para as cidades que sofrem com os males sociais causados pelo inchaço populacional.

Introduzida gradativamente no Espírito Santo a partir dos anos 80, a agroecologia tem sido vista como uma fonte promissora na geração de renda, emprego e resistência dos agricultores familiares aos pacotes tecnológicos. Com 91% das propriedades rurais de agricultura familiar, levando-se em consideração que cerca de 80,2% desses estabelecimentos possuem até 50 hectares (SOARES, 1998), requisito que caracteriza uma atividade de agricultura familiar segundo critérios da FAO/INCRA, a agroecologia tem encontrado espaço como alternativa de geração de renda assentada nesse tipo de estrutura fundiária que prioriza não somente o tamanho da propriedade, mas também a lógica

camponesa de reprodução da família, da comunidade, da base, das condições naturais de existência, como as comunidades indígenas; existindo, porém, carências por parte dos órgãos públicos e até mesmo privados no incentivo às pesquisas, fomento aos pequenos agricultores e aos profissionais ligados a essa temática.

Mesmo com a criação do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – PRONAF – em 1996, em que os agricultores familiares conquistaram uma atenção maior do governo federal e ação específica destinadas a promover a melhoria das suas condições de vida, nota-se a falta de incentivos e subsídios que apoiem o homem do campo em sua produção, viabilizando as práticas agroecológicas. Essas, além de promoverem a conservação da biodiversidade podem trazer melhorias na qualidade de vida tanto para o trabalhador do campo quanto para o consumidor final, atendendo, assim, questões ligadas à segurança alimentar difundidas pelo governo federal.

Dessa forma, este trabalho desenvolvido pelo grupo de pesquisa “TERRA, CIDADANIA E SUSTENTABILIDADE” do Laboratório de Geografia Humana do Departamento de Geografia da UFES, tem como objetivos o estudo dos impactos da agroecologia na economia do ES, na organização do espaço agrário e urbano; o mapeamento das áreas de ocorrência dos fenômenos da agroecologia no estado, assim como, as áreas de desertificação antropizadas; a compreensão das novas tendências do campo e do urbano mediante as dinâmicas impostas pelo agroecologismo, além de criar e oferecer um banco de dados que contenha informações referentes à agroecologia: quantidade produzida/comercializada; áreas de plantio e número de famílias dependentes dessa prática agrícola, por exemplo.

Após levantamentos de dados em órgãos públicos, ong’s, cooperativas e associações de produtores e também realizações de trabalhos de campo, obteve-se três grandes áreas de concentração de atividades relacionadas à agroecologia: as regiões Serrana do estado e a do Caparaó, com cultivos voltados à olericultura, fortemente marcada pela influência das imigrações italiana e alemã; e a região ao norte do Rio Doce, onde predominam as práticas orgânicas voltadas para o cultivo do café, fruticultura e também a presença de comunidades tradicionais quilombolas com sua agricultura peculiar, entre outros.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALTIERI, Miguel. Agroecologia: A dinâmica produtiva da agricultura sustentável. 4ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. Modo capitalista de produção e agricultura. São Paulo, Ática, 1986.

\_\_\_\_\_. A agricultura camponesa no Brasil. São Paulo, Contexto, 1997.

\_\_\_\_\_. A geografia das lutas no campo. São Paulo, Contexto, 1999.